

APRESENTAÇÃO

No presente volume da revista *Itinerários* o leitor encontrará uma gama variada de abordagens sobre a literatura contemporânea, brasileira e estrangeira, e sobre os modos como noções caras ao momento histórico-cultural **contemporâneo** (pós-moderno, liquefação, reificação, simulacro, “eu mínimo”, gênero, cultura letrada vs. cultura de massa, mercado e consumo, quebra de paradigmas, desterritorialização, hiperrealismo, abjeção etc.) estruturam e refletem(-se) nos construtos literários em análise pelos trabalhos selecionados.

Estes, que juntamos sob o rótulo geral de “Literatura contemporânea”, perfazem dois blocos distintos, embora em articulação. O primeiro bloco é voltado para a narrativa brasileira contemporânea, e abre-se com a contribuição de Regina Dalcastagnè (UnB), “Pelas margens da cidade: exclusão e silenciamento em Samuel Rawet e Luiz Ruffato”: no artigo, o termo de comparação é o tratamento original dado pelos dois escritores, respectivamente nos anos de 1950 e na primeira década do século XXI, aos “derrotados” da sociedade urbana brasileira, cujo acelerado e desigual processo de modernização continua a amontoar, nas grandes metrópoles brasileiras, os excluídos de toda ordem.

O segundo trabalho é de Nilze Maria Azeredo Reguera (UNESP/São José do Rio Preto), “Hilda Hilst e a (im)possibilidade de (se) narrar”, e seu foco de análise é o primeiro livro em prosa da autora paulista, *Fluxo-floema* (1970). Detendo-se em um dos **contos** do livro (se é que tal denominação ainda cabe, na obra de Hilst), “Osmo”, a autora procura ressaltar o descompasso da literatura hilstiana com a tradição, pois ao expor o texto “como construção verbal encenada”, acaba por agravar a ambiguidade congênita do narrador-personagem, cujo narrar se frustra e cuja experiência pouco é apreendida por seus possíveis ouvintes/leitores.

Tal problema se adensa no terceiro artigo, “Rastros e restos: a realidade possível em J. G. Noll”, de Rejane Cristina Rocha (UFSCar). Rastreando, primeiro, as características principais da prosa literária produzida na década de 1980, no Brasil (e logo se debruçando, em fina análise, sobre o romance *Rastros do verão* (1986), de João Gilberto Noll), a autora evidencia que a obra nolliana também coloca em xeque “as instâncias narrativas que tradicionalmente estabelecem o elo entre o real e o ficcional”, embora considere que os traços ficcionais do autor e seu apreço por um “eu mínimo” podem ser tidos “como um novo paradigma da representação do real” e, em complemento, como uma possível “percepção pós-moderna da realidade”.

O próximo estudo, “De *Sexo* e outras histórias: a ficção de André Sant’Anna”, de Mayara Ribeiro Guimarães (UFRJ), volta-se para o romance de 1999 do escritor carioca, estudando-o sob o ponto de vista dos conceitos de heterogêneo, abjeto e

informe, colhidos na obra de Georges Battaille. Além disso, a estudiosa ressalta o modo peculiar por que o romance de Sant'Anna, ao se valer da ironia, do humor e da “midiatização da linguagem” (através do uso de clichês, frases feitas, acúmulos e repetições), perfaz-se como uma crítica sutil à sociedade do espetáculo, ao consumismo e à cultura de massa.

O quinto texto, “‘Neste mundo fora do mundo’: estigma e literatura nas escritas prisionais recentes”, de Maria Rita Sigaud Soares Palmeira (FACAMP), percorre vários relatos publicados entre 2000 e 2002 por alguns presidiários (como Jocenir, autor de *Diário de um detento*, 2001) preocupados tanto em relatar suas histórias de vida “à margem”, quanto em revelar as condições, os problemas e os códigos prisionais que testemunharam. Interessante frisar que este quinto artigo conecta-se diretamente com o primeiro, pois de “excluídos” ainda se trata aqui, mas de “excluídos com voz própria” (a ressalva é importante), que toma a si as rédeas do narrar e do fazer-se sujeito e colocar-se no mundo, ainda que sua atuação e seu conhecimento técnico (da literatura e do narrar) possam ser questionados pelo Cânone e pelos Canônicos – aliás, aproveitando uma referência de Regina Dalcastagnè, no estudo de abertura, diga-se que a obra de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo* (1960), é uma espécie de precursora dessa literatura prisional (no sentido de que, conforme já se ressaltou, é o próprio excluído que toma a si o papel de agente/escritor de sua condição).

O sexto trabalho, “‘Lixo e purpurina’ e ‘Uma praiazinha de areia bem clara, ali, na beira da sanga’: narradores e narrativas em conflito”, de autoria de Thais Torres de Souza (USP), trata da experiência do exílio em dois contos de Caio Fernando Abreu. Mencionado de forma direta em “Lixo e purpurina” e indireta em “Uma praiazinha de areia bem clara, ali, na beira da sanga”, o exílio e o deslocamento, como demonstra a autora em suas análises, mais do que simples mudanças impositivas no espaço vital do indivíduo, estão inscritos na condição subjetiva do homem moderno, “deslocado tanto em relação ao mundo em que vive, como dentro de si mesmo”.

Um segundo bloco de colaborações pode ser percebido nos quatro artigos seguintes, voltados para a literatura estrangeira: Fernanda Maria Abreu Coutinho (UFC), em “Conversas com ‘Dear Mimmy’: imagem da criança escritora na contemporaneidade ou A difícil arte de entender a guerra”, analisa *O diário de Zlata: a vida de uma menina na guerra*, escrito por Zlata Filipović, pequena cidadã de Sarajevo, durante os conflitos da Bósnia. O ensaio chama a atenção para a questão da autoria infantil e de sua legitimação na contemporaneidade e mostra que *O diário de Zlata* é mais do que um relato do impedimento de viver a própria infância em época da guerra, pois sinaliza “clareiras por onde penetra o sopro revigorante da fala infantil com seus códigos bem particulares de decifração do mundo”. Embora diferentes, não se pode descuidar de que tal obra estabelece uma conexão com

um dos artigos anteriores, sobre literatura prisional brasileira. São testemunhos de vidas obrigadas à experiência da restrição da liberdade e à exclusão, diante da qual o ser busca caminhos alternativos para manter sua integridade.

A literatura do exílio é também abordada no oitavo trabalho, “Representações do deslocamento no texto literário”, de Claudia Almeida (UERJ). Seu objeto de estudo são textos de Andreï Makine, autor que deixou a União Soviética para viver na França, passando a escrever exclusivamente em francês. O deslocamento humano é, segundo a autora, um fenômeno importante na literatura contemporânea, na qual o exilado, o refugiado, o expatriado, o emigrado e o apátrida são figuras frequentes. As personagens de Makine apresentam-se como seres deslocados, marcados por um “choque de alteridade” que as leva a buscar um lugar mítico e utópico, um Graal moderno, vislumbrado no país de exílio.

O lugar ocupado pela utopia na contemporaneidade é também o tema do nono artigo, “*Ourania* de J.M.G. Le Clézio: une utopie historisée, un roman politique”, de Marina Salles (Université de Nantes). Publicado em 2006, o romance *Ourania* de J. M. Le Clézio propõe não um “u-topos”, mas uma utopia historicizada, situada no México contemporâneo. A autora lembra a intenção de Le Clézio de estabelecer, em tempos de ceticismo e de “catastrofismo desmobilizador”, os valores essenciais de toda utopia: “a justiça, a igualdade, o respeito e a liberdade do homem de determinar seu futuro”.

Finalmente, o décimo e último estudo é o único voltado para a poesia lírica, em termos estritos: trata-se da contribuição de Silvia Regina Gomes Miho (UFGD), “*New American poetry*: algumas relações entre poéticas modernistas e tendências contemporâneas da poesia morte-americana na obra de Robert Creeley”, que traça paralelos, a partir da obra de Robert Creeley, entre a herança modernista e as tendências mais contemporâneas, pós-modernas, da poesia norte-americana.

A reflexão sobre o contemporâneo continua inclusive nas resenhas que completam este número 32 da *Itinerários*, sendo três delas sobre obras críticas e uma sobre a série literária “O bairro”, do luso-angolano Gonçalo M. Tavares. Se chama a atenção, por exemplo, o domínio e a prevalência da Teoria (assim mesmo, em maiúscula) no mundo atual, sobrepondo-se à própria teoria da literatura e valorizando o contexto e as relações interdisciplinares (como observa Tauan Fernandes Tinti na apresentação da segunda edição de *The Norton anthology of theory and criticism*), também fisga o olhar e a mente do leitor (no sentido oposto, literário mesmo) o modo reiteradamente intertextual, irônico, paródico e desconstrutor pelo qual “O bairro” de Tavares é povoado por senhores ilustres da literatura, das artes e da filosofia (no caso, *O senhor Breton e a entrevista*). Quer-se dizer que os dois exemplos são extremados, talvez, mas são significativos, por certo, do fluxo ininterrupto e agregador que parece caracterizar o momento contemporâneo.

Enfim, se os artigos se debruçam sobre a literatura já algo canônica (Hilst, Noll e Le Clézio, por exemplo) ou sobre jovens artistas promissores (Ruffato e Sant’Anna), é fato que também se voltam para escritos algo fora dos parâmetros e do cânone tradicional (narrativas da prisão, diário de guerra), que talvez, a rigor, não possam ser considerados “literatura” no sentido estrito. Porém, isto evidencia que o presente volume da revista tentou mimetizar o mundo contemporâneo (ainda que de forma não hiperrealista), com vistas a acompanhar de perto (e a suscitar) a discussão sobre o próprio estatuto e esvaziamento do conceito de “literário”, bem como de noções que têm sustentado a concepção contraditória de **contemporâneo**, tais quais: representação, identidade, gênero, exclusão, deslocamento, liquefação, abjeção, pós-moderno, apagamento de fronteiras etc. etc. etc. – pois o próprio sentido de **contemporâneo** (aqui compreendido no banal significado do que está acontecendo agora e/ou do que é de hoje, de agora, do momento presente, sem qualquer viés estético estrito), extravasa qualquer tentativa cartesiana de estancá-lo em dicotomias redutoras (quicá redentoras, como acreditavam nossos avós e pais modernos).

Adalberto Luis Vicente
Antônio Donizeti Pires

*LITERATURA
CONTEMPORÂNEA*

